

INCONFORMIDADES FEMININAS NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO *AS HORAS*

Rejane de Souza Ferreira
Mestranda da área de Literatura – UFG
Orientador: Prof. Dr. Jorge A. Santana

O romance *As horas*¹, escrito pelo norte-americano Michael Cunningham, narra as histórias de três mulheres que, embora vivam em lugares e épocas diferentes, estão relacionadas entre si. Virginia Woolf encontra-se nos arredores de Londres e está escrevendo *Mrs. Dalloway* em 1923. Laura Brown vive em Los Angeles em 1949, é fã de Virginia Woolf e no momento da narrativa está lendo *Mrs. Dalloway*. Por último, Clarissa Vaughan aparece em Nova York no fim do século XX, carinhosamente apelidada de Mrs. Dalloway, por seu amigo Richard. Além do elo provindo do romance woolfiano, essas personagens (a primeira histórica e as outras fictícias) ligam-se também pela preocupação de justificar suas próprias existências dentro do contexto restritivo em que vivem. Cada uma sofre com as próprias limitações das mulheres de sua época e sociedade.

O contexto de *As horas* vem recordar-nos que, por mais de um século, nós, mulheres, temos tentado adquirir nosso próprio espaço no mundo. Se formos observar desde o início dos movimentos feministas (desde quando os movimentos ainda nem tinham esse nome e as mulheres ainda lutavam individualmente dentro de suas próprias casas), veremos quão heterogênea sempre foi essa luta.

Um exemplo da heterogeneidade do pensamento feminino dos anos 20 pode ser extraído de *Mrs. Dalloway*. Nesse romance, Woolf mostra-nos como cada mulher atua de forma diferente para atingir seus objetivos. Clarissa, a heroína do romance, era “o tipo acabada da perfeita dona de casa” (WOOLF, 1980, p.11), segundo Peter Walsh, seu namorado. Mas ainda que Clarissa pretendesse ser, como veio a se tornar, “uma perfeita dona de casa”, ela não estava disposta a se anular para isso. Foi por essa razão que rompeu com Peter e veio a se casar com Richard. A citação a seguir mostra o que Clarissa esperava do casamento e quão disposta ela estava a não mudar seus ideais para ficar com Peter:

¹ Romance vencedor do prêmios Pulitzer e PEN/Faulkner Award. Também indicado para o National Book Critics Circle Award. A adaptação de *As horas* para o cinema recebeu nove indicações ao Oscar, incluindo melhor filme, por fim, foi vencedor do Oscar de melhor atriz com Nicole Kidman na interpretação de Virginia Woolf.

...Pois no casamento é preciso um pouco de liberdade, um pouco de independência entre as pessoas que moram juntas, dia após dia, na mesma casa; o que Richard lhe concedia e ela a ele [...] Mas com Peter tudo tinha de ser compartilhado; tudo tinha de ser esclarecido. Era intolerável, [...] tivera de romper com ele, ou seria um desastre para ambos; seriam ambos arruinados, estava certa (WOOLF, 1980, p.11).

A mesma não anulação de si para se conseguir o que quer não ocorre com Lady Bruton. Quando essa aristocrata inglesa, amiga de Richard Dalloway, deseja enviar ao Times suas idéias, ela prefere contar com ajuda de amigos para escrever sua carta. Independentemente de Lady Bruton se interessar por política e desejar ser influente nessa área, ela não se considerava competente o bastante para se expressar por si mesma, como é possível ver na citação a seguir:

...Lady Bruton muita vez suspendia o juízo acerca dos homens, em consideração ao misterioso acordo em que eles, e não as mulheres, parecem encontrar-se com as leis do universo; sabem como encarar as coisas; sabem como dizê-las; de modo que se Richard a aconselhasse, e Hugh escrevesse por ela, estava certa de fazer alguma coisa às direitas” (WOOLF, 1980, p.106-107).

É essencial lembrar, dadas essas circunstâncias, quão particular é cada pessoa e o contexto geral em que ela está inserida. Judith Butler (2003) sugere que talvez fosse menos estressante para as feministas não querer representar todas nós de uma só vez. Para essa autora, não existe um feminismo absoluto e estável, capaz de colocar em uma fôrma as mulheres e os homens, não existe um modelo teórico único, seja ele binário ou unitário, justamente porque “a fragmentação no interior do feminismo e a oposição paradoxal ao feminismo – por parte de ‘mulheres’ que o feminismo afirma representar – sugerem os limites necessários da política da identidade” (BUTLER, 2003, p.22). É nesse contexto fragmentário que também se inserem as personagens femininas de Michael Cunningham.

Vejamos Clarissa Vaughan e Mary Krull (amiga de Júlia, filha de Clarissa), que são nossas contemporâneas, por exemplo. Mesmo que elas sejam homossexuais, quase da mesma idade e vivam em Nova York, o fator econômico e social de ambas contribui para a divergência ideológica das mesmas. Clarissa é uma mulher que viveu a geração hippie dos anos 70 em sua juventude mas que, ao se tornar madura, se entregou aos padrões burgueses. Mary Krull é uma professora universitária que, mesmo em sua maturidade,

continua revolucionária. A primeira pode ser comparada a uma dama tradicional, a segunda a um homem repulsivo:

[t]ola, pensa Mary, embora lute para continuar a mostrar-se tolerante ou, pelo menos, serena. Não, dane-se a tolerância. Qualquer coisa é melhor do que homossexuais da velha escola, vestidos para se esconder, burgueses até a medula, vivendo feito marido e mulher. [...] Você é igual à maioria dos homens, [pensa Clarissa a respeito de Mary] tão agressiva quanto, toda cheia de auto-elogios, mas sua hora acaba passando. (CUNNINGHAM,2003, p.130 – grifo do autor).

Clarissa bem sabe que, em virtude de ela ter se unido à outra mulher (Sally) e juntas elas criarem uma filha, ela acabou construindo uma família quase tradicional, e que por isso ela é tão criticada por muitos, até mesmo por seu melhor amigo Richard. Ela também sabe que, muito provavelmente, as demais pessoas não lhe dizem nada por causa de sua posição na sociedade, afinal, tanto ela quanto sua companheira, além de terem uma vida super confortável, “bem acima dos padrões mundiais”, têm um trabalho digno e muito respeitável. Clarissa é editora de livros e Sally é produtora de TV. Só que, por mais que Clarissa se abale com os comentários alheios, ela não se arrepende de nada, porque a outra possibilidade de vida que ela teria ao lado de Richard, que é quem ela realmente ama, também não lhe daria nenhuma felicidade e de qualquer forma ela prefere ter seu padrão luxuoso a ser mal vestida, entrando e saindo de cadeias como Mary Krull.

Clarissa pode ser vista como a mulher feminina e independente que Virginia Woolf desejou que existisse quando escreveu seus ensaios feministas na década de 20. Clarissa, embora infeliz, é uma mulher segura de si e que jamais altera seus valores em detrimento da opinião alheia. Pois era com essa mulher que Virginia Woolf sonhava, alguém capaz de ter “um teto todo seu”, um quarto próprio para trabalhar e dinheiro o bastante para se manter anualmente e poder viajar para conhecer o mundo (coisas a que poucas mulheres de sua época tinham acesso), sendo ao mesmo tempo esposa e mãe, mas não de dezenas ou dúzias de filhos, e sim de dois ou três. Podemos comprovar essa visão de Woolf com os trechos a seguir:

...”é necessário ter quinhentas libras por ano e um quarto com fechadura na porta se vocês quiserem escrever ficção ou poesia”...(WOOLF, 1985, p.137).

“A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não apenas nos últimos duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres têm tido menos liberdade intelectual que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, portanto, não têm tido a mínima chance de escrever poesia. Foi por isso que coloquei tanta ênfase no dinheiro e num quarto próprio.

Ora, Clarissa tinha seu quarto próprio, tinha seu emprego e era mãe de uma única filha. Na realidade, percebe-se que Clarissa superou as estimativas de Woolf, visto que seu apartamento fora comprado e decorado com seu próprio dinheiro e com o dinheiro de Sally, que também não era um homem; tanto seu emprego quanto o de Sally já eram aceitos naturalmente a serem ocupados por mulheres, ao passo que, na época de Virgínia Woolf, uma mulher sequer poderia entrar em uma biblioteca desacompanhada de um homem ou de um documento masculino que lhe permitisse entrar. Por fim, Julia era praticamente oriunda de uma produção independente, pelo menos era nisso que Julia acreditava: “o pai nada mais que uma proveta numerada, desculpe, Julia, não há como achá-lo” (CUNNINGHAM, 2003, p.127).

Contrapondo o idealismo de Woolf, Mary Krull é a representação do feminismo que se confunde com o “machismo às avessas”. Observemos mais de perto a descrição de Mary feita por Clarissa:

Mary, a sisuda, a austera, Mary, a correta, de cabeça raspada, onde já se vê a sombra do cabelo crescendo, usando calça cor de rato, peitos balançando (ela deve ter mais de quarenta anos) debaixo de uma regata branca esfarrapada. Seu passo pesado; seu olhar irônico, desconfiado (CUNNINGHAM, 2003, p.128).

Simone de Beauvoir (198-?) e Judith Butler (2003) também criticam o feminismo reduzido à inversão pura e simples do machismo. Para a primeira, é necessário se desprender das vagas noções de superioridade, inferioridade e igualdade entre homens e mulheres, que acabam só desvirtuando todas as questões feministas e antifeministas; a que Butler (2003, p.13-14) complementa:

A crítica feminista tem de explorar as afirmações totalizantes da economia significante masculinista, mas também deve permanecer autocrítica em relação aos gestos totalizantes do feminismo. O esforço de identificar o inimigo como singular em sua forma é um discurso invertido que

mimetiza acriticamente a estratégia do opressor, em vez de oferecer um conjunto diferente de termos.

Se duas mulheres quase da mesma idade, vivendo em uma mesma época (final do século XX) e local (Nova York), apresentam tantas divergências ideológicas imaginemos agora as disparidades femininas ao longo do tempo através das demais mulheres de *As horas*. Façamos uma viagem pelo túnel do tempo e voltemos em 1949 na cidade de Los Angeles, para adentrarmos no contexto de Laura Brown. Laura é casada, dona de casa, mãe de um filho e gestante do segundo, sua condição social era excelente para a sociedade de sua época, só que ela queria mais que isso. Laura sonhava com sua independência pessoal, desobrigada dos afazeres do lar, casa-se apenas para deixar de ser diferente, isolada e solteirona, entretanto, continua infeliz com sua nova condição:

Ela se pergunta, ao empurrar um carrinho no supermercado ou arrumando o cabelo no cabeleireiro, se as outras mulheres não estariam todas pensando, até certo ponto, a mesma coisa: Eis aqui alegrias transcendentais, que *preferia estar em outra parte*, que consentiu em executar tarefas simples e essencialmente tolas, examinar tomates, sentar-se embaixo de um secador de cabelo, *porque é sua arte e seu dever* (CUNNINGHAM, 2003, p.39, grifo nosso).

Enquanto as angústias de Clarissa são o não ter ficado com o grande amor de sua vida e sua filha lhe cobrar a presença de um pai, Laura vivencia a angústia da mulher que perdeu a chance de ousar ser diferente do que a sociedade lhe exigia e tentava se consolar através dos livros, não os livros fúteis que as demais donas de casa e esposas liam, mas dos livros intelectuais escritos por escritores célebres: “Pelo menos, pensa, não é leitora de livros de mistério nem de romances de amor. Pelo menos continua aperfeiçoando a mente. Bem nesse momento está lendo Virginia Woolf, toda a obra de Virginia Woolf, livro por livro” (CUNNINGHAM, 2003, p.38). Diante de tanta infelicidade Laura tenta suicidar, mas fracassa decidindo, então, abandonar sua família e tentar a sorte de ser feliz. Laura fez essa tentativa porque ela finalmente percebeu que era possível, ao menos, tentar ignorar a sociedade e ir para um outro lugar, viver da forma com que ela sempre sonhou. Assim, Laura, após tentar o desafio de ser feliz na condição de esposa e mãe, arrisca a felicidade de uma outra forma, porque para ela “[e]xistem apenas duas opções: ou você é capaz, ou você não liga” (CUNNINGHAM, 2003, p.87) e ela já não conseguia mais fingir que não se importava.

Agora, congelemos por alguns instantes essas informações sobre Laura e adentremos ainda mais o nosso túnel do tempo em direção aos arredores da Londres de 1923, quando Virginia Woolf está escrevendo *Mrs. Dalloway*, e analisemos a condição da mulher nesse contexto. Vale dizer que aqui, já não falaremos mais da Virginia Woolf real, mas da Virginia que Michael Cunningham criou para seu livro. Por mais que a versão de Cunningham sobre Woolf tenha ficado bastante verossímil, não se pode confundir a Virginia histórica com a Virginia fictícia, de forma que em nosso texto a escritora será referida como Virginia Woolf ou Woolf e a personagem apenas como Virginia.

Virginia é uma mulher depressiva, que já tentou se matar e sofre com vultos e vozes oriundos de suas alucinações, por isso encontra-se em Richmond, por mais que quisesse estar em Londres. Sua mudança para essa cidade se deu graças à preocupação de seu marido, Leonard, que, com medo de Virginia acabar realmente se matando, a leva para uma cidade menos estressante, onde ele abre uma editora para melhor distrair a esposa. Virginia era uma mulher atípica para o seu tempo, ainda que escrevesse sem pretensão de ser lida além de seu grupo familiar e amigo, ela trabalhava como escritora enquanto a maioria das mulheres de sua época ocupava-se com o bordado. Quem ler *Um teto todo seu* (WOOLF, 1985), poderá perceber quão árduo foi para uma mulher consagrar-se escritora. Entretanto, ainda é possível perceber determinadas cumplicidades de Virginia em relação ao marido:

Leonard pode ser rabugento, ferino e quase impossivelmente exigente. Sabe que esses jovens muitas vezes são criticados injustamente, mas não ficará do lado deles [...] Leonard pode ser autocrático, pode ser injusto, *mas é seu companheiro e seu vigia, e ela não vai traí-lo* (CUNNINGHAM, 2003, p. 64, grifo nosso).

Ou ainda: “Ralph sorri para ela com um alívio tão visível que sente ímpetos de esbofeteá-lo. O rapaz superestima suas simpatias – ela não falou em seu benefício e sim no de Leonard” (CUNNINGHAM, 2003, p.65). Diante dessas citações e do fato de Virginia não mais morar na cidade onde ela quer, podemos verificar que, apesar de ela ser tão atípica, ela também não era absolutamente independente do marido. Ainda que Virginia consiga convencer Leonard a voltar para Londres, ela não mudaria sem ele, mesmo quando ela deseja pegar o trem para a capital sem avisá-lo, ela pensa em voltar para Richmond e se preocupa com o desespero de Leonard ao procurá-la e não encontrá-la. E de qualquer

forma, fosse ela a passeio ou de mudança, Leonard iria atrás dela e a traria de volta, tal como ele fez.

Essa cumplicidade de Virginia em relação a Leonard é o que Simone de Beauvoir entende como reciprocidade ao seu papel de Outro, isto é, a convivência a essencialidade do homem. Para Beauvoir, é a mulher que se diferencia em relação ao homem e não este que se diferencia em relação àquela, assim, o homem constitui-se como sujeito (o um) e a mulher como objeto (o outro).

“Nenhum sujeito se coloca imediata e espontaneamente como inessencial: não é o Outro que definindo-se como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio” (BEAUVOIR, 198_?, p.12).

Comparando-se as três protagonistas de *As horas*, Clarissa, Laura e Virginia, percebemos que, apesar de elas terem ideologias feministas, essas ideologias divergem-se e assemelham-se entre si. É comum em todas três a agonia de uma liberdade limitada e o desejo de transcendência, como afirma Beauvoir (198_?, p.23): “Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência, sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender”. Virginia tem sua renda anual e “um teto todo seu” onde possa trabalhar, contudo, não tem a liberdade de comandar sua própria vida, livrando-se de sua doença e mudando-se para Londres. Laura tem a liberdade de ler o que deseja, entretanto, sente sua vida reduzida após o matrimônio porque a condição de casada lhe cobra comportamento e deveres de dona de casa, mãe e esposa, assim, ela não pode ler tanto quanto gostaria e muito menos de expressar suas idéias, visto que ninguém de seu meio compartilha das mesmas leituras. Por fim, Clarissa, por mais que tenha tido a ousadia de se juntar a outra mulher e criar uma filha, numa sociedade mais moderna, também é cobrada e infeliz por suas antiquadas noções sobre lesbianismo e por não ter dado a chance de sua filha saber quem é seu pai.

Mesmo que essas três mulheres compartilhem da luta por uma vida mais intensa e significativa, os motivos que as levam a buscar esse existencialismo são divergentes. Por isso, é possível pensar que a condição da mulher seja na realidade, seja na

literatura não tem girado em círculos planos, mas muito provavelmente em movimentos espiralados, através dos quais, tem evoluído, mas sempre com pontos em comum.

Do movimento espiralado, pode-se dizer, lembrando-se Beauvoir (198_?), que a maior semelhança é o fato da mulher ainda continuar querendo ser vista como ser humano, visto que ainda sofremos com preconceitos machistas e desrespeitosos, quando há muito já foi provado que a mulher é tão humana quanto o homem e sendo assim, ela deve gozar da mesma liberdade e dos mesmos direitos que o homem. E para explicar o restante do movimento, isto é, os pontos não comuns, convém citar Judith Butler, a qual propõe, com base em Foucault, que não se pode querer estender um conceito único para o feminismo, é necessário perceber que fatores como tempo, espaço, classe social e cultura são fatores cruciais na formação do indivíduo: “É tempo de empreender uma crítica radical, que busque libertar a teoria feminista da necessidade de construir uma base única e permanente, invariavelmente contestada pelas posições de identidade ou anti-identidade que o feminismo invariavelmente exclui” (BUTLER, 2003, p.23). Até porque essa feminista, da mesma forma que Foucault, não acredita que as pessoas atuem como sujeito ou objeto, mas sim como função, o que permite um mesmo indivíduo atuar de maneiras diferentes de acordo com a situação e as circunstâncias em que se encontra. Doravante, fica em evidência a necessidade de se repensar as origens e causas da identidade feminina.

REFERÊNCIAS:

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, [198-?].

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CUNNINGHAM, Michael. *As horas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.